

## A Inveja Mata!

Do latim *invidia*, o vocábulo **Inveja** significa “desgosto ou pesar pelo bem dos outros”, segundo o Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa, de António Geraldo da Cunha. A sua primeira ocorrência documentada na língua portuguesa data de XVI, enquanto que as suas variantes “enveja” e “ivega” datam, respectivamente, dos séculos XIII e XIV, mas sempre com a mesma acepção. Neste sentido, parece que “inveja há só uma”.

Todavia, esta unicidade não lhe retira a força, bem pelo contrário. O Povo proclama, sabiamente, o seu poder, enfatizando-lhe a destruição inerente, ao afirmá-la mortal. E, pese embora a dureza do provérbio, esta é uma constatação inegável para todo o humano. Enquanto pessoa, sinto-a bastas vezes; enquanto profissional, praticante de psicanálise e de psicoterapia psicodinâmica, constato-a na clínica diária, na procura dum equilíbrio de forças que oscila do normal ao patológico, tendendo, por razões óbvias, para este último.

(De)Formação profissional assumida, interessa perceber a dinâmica de forças pulsionais que embebe os mecanismos psíquicos invejosos. Do ponto de vista epistemológico, o termo *inveja* ganha estatuto de conceito psicanalítico pelas mãos de Melanie Klein, em 1924, pretendendo designar um sentimento primário e inconsciente de avidez em relação a um objecto que se quer destruir ou danificar. Cabe informar que, no jargão psicanalítico, “objecto” é, essencialmente, sinónimo de pessoa, daí que se fale, por ex., de “objecto de amor” e de “objecto de ódio”.

Se Freud é, indubitavelmente, o grande teórico da sexualidade humana, Klein é, para muitos, a grande clínica da agressividade e da relação odiosa do Homem com o seu semelhante. Assim, se a inveja aparece desde o nascimento, o combate entre amor e ódio dura toda a vida, transformando-se numa fonte de perigos nas relações humanas.

No bebé, as pulsões de vida / libidinais e as pulsões de morte são dirigidas, ora à mãe que satisfaz, ora à mãe que frustra. *Ab initio*, não existe a percepção de que “estas mães” são, no fundo, uma só, até que – deseja-se! – o bebé consiga perceber a mãe enquanto objecto total. Deste modo, torna-se, progressivamente, capaz de adequar as suas respostas aos afectos experienciados, contrariando esta disposição inata para uma destrutividade, um ódio e uma inveja excessivos. Para mais, os sentimentos de culpabilidade que advém desta compreensão ajudam à assumpção do desejo de reparação, com conseqüente nascimento da gratidão (termo que, na dialéctica kleiniana, se opõe à inveja).

O invejoso (à semelhança do psicótico) está amputado deste salto qualitativo! Tal como Sísifo, parece condenado, perenemente, a responder de modo primário e arcaico a necessidades e frustrações. Abominavelmente limitado, o invejoso torna o ódio invejante numa resposta única à frustração, uma vez que esta lhe faz nascer o fantasma (ou fantasia) de que alguém guarda para si aquilo de que se sente privado. As pulsões destrutivas coexistem com a inveja e com a angústia intensa e persecutória, complexificando o processo. De facto, para o invejoso a questão já não se coloca só no desejo de possuir aquilo que é suposto que o Outro frui (algo mais consonante com o ciúme), mas também na vontade de destruir essa fruição, ou mesmo de destruir aquele que dela goza, mas que pode igualmente dar. Daí, também, a necessidade de salvaguarda do Povo que, não querendo ser tido como cobiçoso, imediatamente antes, ou após, o elogio a alguém, se apressa a pronunciar: “Não desfazendo...”.

O invejoso pujante omite *Eros*, coroando *Thanatos*. Enganado, considera que, ao matar o Outro (ainda que simbolicamente), consegue anulá-lo e incorporar as suas qualidades, as tais que desdenha por as querer. É este o grande embuste daquele que

inveja! É isto que o torna tão incomensuravelmente tacanho, ou doente, impedindo-o de alcançar o estatuto de desprezível. É isto que faz com que um “morto-vivo” almeje alcançar a *anima* através da calúnia e do roubo da alma de outrem! A gatunagem do fogo dos Deuses, *de per si*, mostra-se insuficiente, ..., sem Deus que o governe.

*Sónia Soares Coelho* \*

\*

- Directora Clínica da Mentanalysis;
- Docente do Instituto Superior Miguel Torga.
- [www.mentanalysis.com](http://www.mentanalysis.com)